

AQUISIÇÃO DE TEMPO E ASPECTO EM CONDIÇÕES NORMAIS E NO DÉFICIT ESPECÍFICO DE LINGUAGEM

por Arabie Bezri Hermont (PUC-Minas)¹, Rodrigo Altair Morato (PUC-Minas)²

RESUMO

Este trabalho busca compreender como as categorias Tempo e Aspecto estão representadas na gramática de crianças em fase de aquisição de linguagem e na gramática de pessoas com Déficit Específico de Linguagem (DEL). A pesquisa procurou constatar a dissociação da categoria Tempo em Tempo e Aspecto e checar a influência do aspecto semântico sobre o aspecto gramatical. Foram comparadas estruturas verbais produzidas por uma criança em fase normal de aquisição de linguagem e por uma pessoa com DEL. Apontamos que há dissociação das categorias Tempo e Aspecto e que o sistema computacional deve ser sensível às características aspectuais do SV.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria Gerativa; sintaxe; tempo e aspecto; aquisição de linguagem; Déficit Específico de Linguagem.

ACQUISITION OF TENSE AND ASPECT IN REGULAR CONDITIONS AND IN SPECIFIC LANGUAGE IMPAIRMENT

ABSTRACT

This paper seeks to understand how the categories Tense and Aspect are represented in the grammar of children during language acquisition and of people with Specific Language Impairment (SLI). This research sought to observe the split of the category Tense into Tense and Aspect and to check the influence of semantic aspect on grammatical aspect. Verbal structures produced by a child in normal phase of language acquisition and by a SLI person were compared. We pointed out that there is a dissociation of the categories Tense and Aspect, and that the computational system seems to be sensitive to the aspectual characteristics of VP.

KEYWORDS: Generative Theory; syntax; Tense and Aspect; language acquisition; Specific Language Impairment.

1. Professora Adjunto IV do Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

2. Professor Temporário do Instituto de Ciências Econômicas e Gerenciais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e Mestre em Linguística pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

1. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, houve um crescimento expressivo de pesquisas nas áreas que investigam o *status* das categorias funcionais na gramática de indivíduos adultos. Muitos desses estudos têm recebido contribuições de análises de gramáticas de indivíduos em fase de aquisição de linguagem. E isso tem acontecido em pelo menos duas vertentes: estudo da gramática da criança em fase normal de aquisição da linguagem e estudo da gramática da criança com Déficit Especificamente Linguístico (DEL) ou criança DEL.

As crianças, de um modo geral, dos 18 aos 30 meses, apresentam progresso significativo na aquisição de sua língua nativa. Já as crianças DEL, nessa época da vida, demonstram dificuldade na aquisição da linguagem, embora não tenham outros comprometimentos cognitivos. Tais crianças, como o próprio nome aponta (DEL), apresentam problemas exclusivamente na aquisição da linguagem. Por isso, estudos da gramática do indivíduo DEL podem contribuir para um melhor entendimento das teorias que visam a estudar a organização da linguagem e seu desenvolvimento, perspectiva em que se insere a Teoria Gerativa.

Este trabalho, portanto, adotará como quadro teórico a Teoria Gerativa, a qual assume que o conhecimento linguístico pode ser explicado levando-se em conta a existência de um conhecimento inato, codificado biologicamente, que é a Gramática Universal.

Os estudos de Princípios e Parâmetros – P&P (Chomsky, 1981) vêm promovendo a investigação das categorias funcionais. A categoria funcional de Tempo era concebida como um conjunto de traços ocupando um mesmo nó, mas a partir de Pollock (1989) passou a ser entendida como traços de Tempo e de Concordância separadamente representados.

Adotando Chomsky (1995) como um todo e especificamente quanto ao fato de a Concordância não mais ocupar um nó na categoria flexional de Tempo, entendemos que Tempo é cindido em Tempo e Aspecto. Tempo, nessa perspectiva, situaria o momento de ocorrência de uma situação: no passado, no presente ou no futuro. Aspecto corresponderia a diferentes formas de verificar a constituição temporal interna da situação, ou seja, sua duração: se concluída ou não.

Diante disso, declaramos que o objetivo geral deste artigo é entender como as categorias tempo e aspecto estão representadas nas gramáticas de crianças em processo de aquisição de linguagem e de pessoas com DEL, contribuindo, então, para a discussão a respeito da representação de tais categorias na gramática de indivíduos adultos sem problemas de linguagem. A proposta é que a categoria tempo esteja cindida em tempo e aspecto.

Além disso, temos outro objetivo que é o de verificar em que medida as noções aspectuais de (a) telicidade influenciam ou não no surgimento das marcações gramaticais perfectivas e imperfectivas. Para procedermos à pesquisa ora apresentada, utilizamos, além do aporte da teoria gerativa, os apontamentos trazidos em Wexler (1998) e Wexler, Schutz e Rice (1998).

2. A TEORIA GERATIVA

Uma pesquisa em aquisição da linguagem que adote o modelo de P&P como base teórica estará admitindo a existência de uma Gramática Universal (GU), pressupondo então um conhecimento da linguagem inconsciente e inato. A Teoria Gerativa, em seu modelo mais recente, o Programa Minimalista (Chomsky, 1995, 1998, 1999, 2001), propõe que a linguagem deva ser considerada um sistema perfeito com um *design* ótimo, no sentido de que as gramáticas das línguas naturais criam estruturas que são designadas às interfaces, como demonstramos no esquema a seguir.

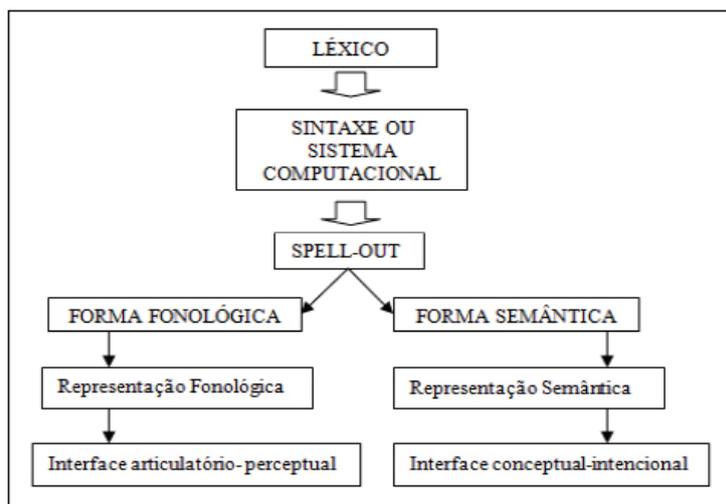


Figura 1: Esquema da arquitetura de linguagem segundo o Modelo Minimalista.

As palavras estariam em um componente chamado léxico (com traços fonológicos, semânticos e formais) e seriam selecionadas para formar as sentenças. Essa seleção recebe o nome *select* e forma uma numeração. A numeração seria o conjunto de itens lexicais selecionados. A proposta é que, na maioria das vezes, os itens já viriam da numeração com traços definidos, como, por exemplo, traços de gênero, de número plural, de categoria, de caso, etc. Após a seleção de palavras no léxico, ocorreria, no sistema computacional, a formação das sentenças. Para que a sentença formada no sistema computacional seja expressa e compreendida, uma operação chamada *spell-out* entraria em ação. É ela que permitiria a divisão da estrutura sintática para as interfaces fonológica e semântica.

A sentença formada passaria, então, pela forma fonológica, onde ganharia representação para ser enviada à interface articulatório-perceptual, e haveria articulação dos sons da fala. Também há a forma semântica, diretamente ligada ao mundo das intenções e significados. Seria a parte em que a mente compreenderia a sentença e daria *input* para interface conceptual-intencional.

2.1. As categorias funcionais

No modelo da Teoria Padrão (CHOMSKY, 1965) e da Teoria Padrão Estendida (CHOMSKY, 1972), considerava-se que a estrutura de uma sentença simples seria constituída por um SN e um SV, ambos

ligados a um nó, denominado S. A formalização seria a seguinte: $S \rightarrow SN SV$. Mas, a fim de acomodar dados em que havia a presença de um verbo auxiliar, a proposta para a descrição da sentença passou a ser a seguinte: $S \rightarrow SN Aux SV$. Em Aux, haveria informação de tempo e de concordância.

Joseph Emonds (1976) propôs a denominação de INFL para Aux e indicou uma marcação binária para o nó, tal como se faz com as categorias lexicais. Então, uma sentença finita teria INFL [+T, +AGR], e uma sentença no infinitivo teria INFL [-T, -AGR]. A regra sintagmática passou a ser $S \rightarrow SN INFL SV$ e era válida para todos os tipos de sentenças.

Com o advento da Teoria da Regência e Ligação (CHOMSKY, 1981), a proposta era de que INFL fosse o núcleo da sentença. Sendo assim, teríamos $IP^3 \rightarrow I SV$, em que a ideia geral seria a de que tanto verbos auxiliares (como *should*, *can*, etc.) finitos quanto o *to*, característico de formas não finitas em inglês, ocupassem o núcleo de IP. Além disso, o SN sujeito ocuparia a posição de especificador de I.

Pollock (1989), após realização de um estudo de comparação de movimento de verbo (em relação a advérbios, quantificadores e partículas de negação) nas formas finitas e não finitas em inglês e em francês, propôs que deveria haver um nó de Concordância (AGR) e um de Tempo (convencionado I – de *Inflection*).

Entretanto, de acordo com a versão proposta em Chomsky (1995), há a sinalização que AGR já não seria mais um nódulo constituindo um sintagma. Ao contrário de T, AGR não teria interpretabilidade semântica na Forma Semântica e, portanto, há sugestões que tal categoria não deveria ser o núcleo de uma projeção.

Então, a proposta é que, na representação da computação linguística na mente/cérebro, e também na anotação em forma de estrutura arbórea, o que era INFLP passou a ser IP e passa agora a ser TP, onde Tempo é marcado. No núcleo de TP, há também os traços *j*, isto é, pessoa, número e gênero do DP sujeito; e no especificador de TP, há um traço de EPP, que atrai o DP sujeito, que até então está em uma posição argumental mais baixa na árvore sintática.

Continuando uma reflexão acerca da camada flexional, este trabalho assume que há de fato uma divisão do nó de Tempo em Tempo e Aspecto. E é sobre essas duas categorias que trataremos na próxima seção.

2.2. Tempo e Aspecto

Comrie (1976) propõe que Tempo e Aspecto sejam categorias distintas, com conceitos diferentes. Tempo, segundo o autor, é uma categoria dêitica, ou seja, relaciona um determinado fato a um ponto no tempo. O Aspecto, por sua vez, “são diferentes maneiras de ver a constituição interna de uma situação” (COMRIE, 1976, p. 3).

3. Em Chomsky (1986, p. 3), o autor substituiu INFL por um símbolo de uma única letra, a saber: I. Daí as notações IP e I

Falemos inicialmente sobre Tempo. Tomamos como base teórica o conceito de tempo verbal encontrado em Comrie (1976). O autor propõe que a expressão gramatical da localização temporal está relacionada a um momento que se refere a outro tempo de fala. Isto é, o tempo verbal só existe se contrastado a três momentos de fala distintos: passado, presente e futuro. Esses três tempos verbais descrevem o momento anterior, o simultâneo e o posterior.

Para Travaglia (2006), tempo pode ser dividido de três maneiras.

Tempo 1: categoria verbal (corresponde às épocas passado, presente e futuro) (...)
Tempo 2: flexão temporal. Estaremos nos referindo então aos agrupamentos de flexões da conjugação verbal: presente do indicativo, pretérito imperfeito do indicativo, futuro do presente, futuro do subjuntivo, etc. Falaremos então em **tempos flexionais** (grifo do autor);
Tempo 3: a ideia geral e abstrata de tempo sem consideração de sua indicação pelo verbo ou qualquer outro elemento da frase (...)
(TRAVAGLIA, 2006, p. 38)

E nossa escolha de estudo diz respeito ao Tempo 2 segundo Travaglia (2006), ou seja, à flexão verbal.

Agora, passemos a discorrer sobre Aspecto. A noção de Aspecto pode ser concebida como a constituição temporal interna de uma situação (Comrie, 1976). Ou seja, o aspecto verbal transmite uma expectativa temporal que tem o foco em uma parte ou no todo de um evento. Por isso não é considerada uma categoria dêitica, já que não precisa fazer referência a qualquer outro ponto no tempo.

A categoria aspecto é bastante complexa. Uma possível sistematização é conceber que há aspecto lexical (ou semântico) e aspecto gramatical. O aspecto lexical seria inerente aos núcleos verbais e adjuntos. Dessa forma, os possíveis sentidos atribuídos às raízes verbais seriam responsáveis pela realização do aspecto lexical. Uma das formas de trabalharmos com o aspecto lexical é caracterizar um SV como sendo télico ou atélico. O aspecto télico implica uma situação que apresenta um final inerente, como em (1):

(1) Empurrei a cadeira

E o aspecto atélico sugere um término arbitrário, como em (2):

(2) Caminho pelo bosque

É importante ressaltar que a classificação lexical/semântica dos verbos está diretamente ligada ao complemento verbal. Sendo assim, a sugestão é a de que a classificação da ação é referente a todo o sintagma verbal, ou seja, ao verbo e seus argumentos e não unicamente ao verbo.

O aspecto gramatical estaria relacionado, em português, a um conjunto de distinções morfológicas que caracterizariam a circunstância descrita pelo verbo como acabada ou em curso. O aspecto gramatical carregaria a noção do evento envolvendo distinções semânticas que podem ser interpretadas por meio de verbos auxiliares ou morfemas flexionais e pode ser separado em perfectivo e imperfectivo.

O aspecto perfectivo, comum no pretérito perfeito no português, apresenta um ponto de vista completo à situação, sem necessariamente distinguir qualquer estrutura interna. Pela perfectividade, podemos lançar um olhar externo à situação, isto é, podemos enxergá-la por inteiro. Na sentença (3), a situação apresentada ilustra início, meio e fim, sem apontar nenhuma questão interna. Temos, então, o aspecto perfectivo.

(3) A menina estudou para a prova

O aspecto imperfectivo, por sua vez, observado no pretérito imperfeito do português, mostra ponto de vista interno, mantendo atenção em uma das fases. Em (4) ou (5), percebemos a existência de fases e que o evento ainda está por terminar. Nesses dois casos, temos o aspecto imperfectivo, apesar de o tempo verbal ser distinto.

(4) A menina está estudando para prova

(5) A menina estava estudando para prova

Isso posto, reiteramos que a nossa pesquisa tem o objetivo maior de mostrar a dissociação entre tempo e aspecto e também de descrever em que medida as noções aspectuais de (a)telicidade influenciam ou não no surgimento das marcações gramaticais perfectivas e imperfectivas. Fazemos essa análise a partir de dados da fala espontânea de crianças em fase de aquisição de linguagem e de testes de eliciação⁴ (em que se faz o indivíduo falar, a partir de figuras, por exemplo), aplicados em uma criança DEL. Assim, apresentamos a seguir uma abordagem sobre a aquisição de linguagem.

3. A AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM

Não é difícil perceber que as crianças em período de aquisição da linguagem têm muita facilidade nessa tarefa. Elas passam de uma lista de palavras bastante restrita para um vocabulário extenso e organizado por uma gramática. Esse processo de rápido desenvolvimento dos conhecimentos da língua a que a criança é exposta é evidência de que o ser humano é dotado de um mecanismo inato capaz de guiar a aquisição da linguagem. Além disso, a hipótese de que algumas categorias auxiliam no rápido desenvolvimento da língua materna parece ser pertinente, pois, ao que tudo indica, algumas categorias, denominadas funcionais, é que parecem ser efetivamente as responsáveis pela derivação sintática. Ou seja, são elas que permitem a computação de inúmeras estruturas linguísticas que o indivíduo é capaz de produzir.

No contexto da Teoria Gerativa, a aquisição da linguagem é interpretada como um processo de fixação de parâmetros a partir do estado inicial da Faculdade da Linguagem. De acordo com Chomsky (1995), os parâmetros da GU estão relacionados não com o sistema computacional, mas, sim, com o léxico. E isso poderia ser interpretado da seguinte forma: cada parâmetro deve referir-se a propriedades de elementos específicos do léxico ou a categorias de itens lexicais. Desta forma, existiria apenas

4. Eliciação é uma técnica experimental que visa a provocar o surgimento de uma dada expressão linguística. Este tipo de estratégia é usado quando o que se quer examinar ocorre com baixa frequência na fala espontânea (CRAIN & THORNTON, 2000).

uma língua humana e a aquisição da linguagem seria essencialmente uma questão de determinar as idiossincrasias lexicais. Ou seja, os elementos substantivos, que seriam os nomes, verbos etc., seriam retirados de um vocabulário universal invariante, e só os elementos funcionais seriam parametrizados.

Então, a configuração das opções específicas de construção de sentenças nas línguas humanas está relacionada ao processo de parametrização. Um modelo de aquisição de linguagem interessante é o proposto por Wexler (1998), sobre o qual passamos a discorrer.

Wexler (1998) defende duas hipóteses, a saber: VEPS (*Very Early Parameter-Setting*), que aponta que os parâmetros básicos são realizados corretamente em estágios iniciais, quando a criança tem por volta de 18 meses de idade; e VEKI (*Very Early Knowledge of Inflection*), que sugere que as crianças a partir de 18 meses já conhecem propriedades fonológicas e gramaticais de alguns elementos importantes de sua língua.

A despeito disso, a gramática da criança parece ser diferente daquela do indivíduo adulto. Isso porque, por vezes, a produção de Tempo e Concordância pela criança ocorre de forma similar à produção dos morfemas correspondentes às categorias Tempo e Concordância pelo adulto. Mas, por outro lado, há vezes em que a criança parece omitir Tempo, ou Concordância ou Tempo e Concordância.

Para explicar tal situação, Wexler (1998), baseado em Schutze e Wexler (1998), propõe ATOM, que é um Modelo de Omissão de Concordância e Tempo no Estágio OI⁵. O modelo é construído com base na análise de dados de fala espontânea de crianças em fase de aquisição de linguagem, na qual é verificada a relação finitude *versus* caso estrutural atribuído a sujeitos de sentenças. O autor constatou o seguinte:

Pronomes	Finito	Infinito
<i>he e she</i>	255 = 95%	139 = 54%
<i>him e her</i>	14 = 5%	120 = 46%

Tabela 1: No estudo de Wexler (1998), a relação finitude *versus* Caso (WEXLER, 1998).

Ou seja, as crianças designaram caso nominativo corretamente em 95% das vezes em que o verbo estava flexionado, mas designaram caso acusativo ao sujeito da sentença em 5% das vezes em que o verbo estava na forma finita. As mesmas crianças designaram caso nominativo corretamente em 54% das vezes em que o verbo não estava flexionado e designaram caso acusativo ao sujeito da sentença em 46% das vezes em que o verbo estava na forma não finita.

A partir dos dados encontrados, o autor, para validar ATOM, também se baseia do arcabouço da Morfologia Distribuída⁶. Wexler (1998) assume então que a criança conhece também os princípios da morfologia como instanciados pela Morfologia Distribuída, proposta por Halle e Marantz (1993,

5. Estágio OI é um estágio pelo qual a criança em fase de aquisição de linguagem passaria. Ora ela produziria uma frase com o verbo flexionado de acordo com a gramática do adulto, ora, não.

6. Na Morfologia Distribuída, a proposta é de que o processo de formação das palavras ocorra durante a derivação.

apud Wexler, 1998). Na Morfologia Distribuída, há traços abstratos específicos para cada conjunto de morfemas *em competição* para um determinado nó. No caso estudado, cada nó seria a projeção de Concordância e de Tempo. Os morfemas devem ser corretamente distribuídos sobre os nós relevantes. Essa correspondência de morfemas e nós seria estabelecida de acordo com a especificação dos morfemas e a especificação dos nós. A especificação dos morfemas deve ser a mesma especificação do nó, ou similar tanto quanto possível. Um morfema altamente especificado tem prioridade, na correspondência, em relação a um morfema menos especificado, desde que o morfema não tenha um traço que não exista no nó.

Sob a acepção de que concordância é o que designa caso nominativo ao sujeito de uma sentença, Wexler (1998) passa então a analisar os dados à luz dos pressupostos da Morfologia Distribuída. As sentenças produzidas pelas crianças com atribuição apropriada de Caso e de Tempo Finito são gramaticais e perfizeram um total de 95%. Seriam sentenças como em (6):

(6) *He likes ice-cream*

Ainda de acordo com o autor, na gramática da criança haveria a seguinte representação: [+AGR, +T]⁷, em que Concordância e Tempo seriam especificados.

A explicação dada por Wexler para os 54% de uso da forma verbal no infinitivo com os pronomes *he* e *she* é que, se há tais pronomes, mesmo faltando o morfema caracterizador de tempo, deve haver concordância na gramática da criança, pois houve a designação do caso nominativo, ou seja, trata-se das formas *he* e *she*, e não pronomes no caso acusativo, *him* e *her*. As sentenças seriam similares a (7):

(7) *He like ice-cream*

E a representação mental seria [+AGR, -T]. Neste caso, teríamos, como especificação de Tempo [+passado], cujo morfema é *-ed*, competindo com [-passado], cujo morfema é \emptyset . Se Tempo estivesse especificado para passado, o morfema *-ed* seria inserido, pois é mais especificado do que o morfema de Tempo presente. Se Tempo estivesse marcado para presente, o morfema de presente \emptyset seria inserido. Como na sentença há concordância, teríamos que ter a marca *-s*. Como não há o morfema de concordância *-s*, que é o morfema de concordância que só ocorre no presente, temos certeza de que não há marcação de tempo presente na sentença. Ou seja, a especificação, neste exemplo, seria [+AGR, -T].

Para as sentenças em que houve 46% de uso de verbos na forma infinita com os pronomes *him* e *her*, as sentenças seriam similares a *Him like ice-cream*, e a representação mental seria, de acordo com a proposta do autor, [-AGR, -T]. A explicação para o não surgimento de morfema relativo a tempo é a mesma feita para a última situação explicitada.

A explicação para a célula no quadro anterior que indica 5% de produção, por parte de crianças no período OI, de sentenças com formas verbais flexionadas e sujeitos com caso acusativo, reside na falta de concordância, pois tal categoria é que designaria caso nominativo.

7. AGR, neste trabalho, advém de *Agreement*, que significa *concordância*. T, por sua vez, advém de *Tense*, em português, tempo.

Mas por que a especificação para caso nominativo ora ocorreria e ora não ocorreria? E por que o verbo ora ocorreria flexionado para Tempo e ora tal fenômeno não ocorreria? A proposta de ATOM, por si só, não consegue explicar o porquê de ora haver só Tempo e ora só AGR na gramática das crianças e mesmo assim o sujeito da sentença localizar-se à esquerda da partícula negativa indicando que o sujeito se movimentou.

Wexler (1998) sugere que deve haver uma restrição no momento de checagem do DP sujeito na gramática da criança. Para explicar como se dá essa restrição, o autor adota as propostas de Chomsky (1995), que nos indica que os DPs-sujeito, que têm um traço [+interpretável], passariam a movimentar-se a fim de checar o traço D [-interpretável] em Tempo. Wexler (1998), admitindo a presença da projeção de AGR, assume que tanto T quanto AGR têm um traço D [-interpretável]. Se tanto AGR quanto T têm um traço D [-interpretável], um traço D [+interpretável] deve deslocar-se para checar aqueles [-interpretáveis]. De acordo com o pesquisador, dentro do SV há um DP sujeito com traços [+interpretáveis]. Portanto, este DP sujeito é que deve mover-se para apagar os traços nas categorias funcionais, que têm traços [-interpretáveis], os quais, como já vimos, devem ser apagados a fim de que a derivação não fracasse. Conforme o autor, na gramática do adulto, o DP sujeito então sobe para o especificador de Tempo e checa o traço D [-interpretável]. Depois, ele sobe para o especificador de AGR e checa o traço D [-interpretável]. O que parece ser problemático para a criança, segundo Wexler (1998), é o fato de que duas checagens são requeridas.

Wexler (1998) explica o fenômeno de omissão ora de Concordância ora de Tempo apontando que, na gramática da criança em fase de aquisição de linguagem, o DP sujeito, que tem traço [+interpretável] e portanto não pode ser eliminado, não deve conseguir checar mais de um traço D [-interpretável] em cada derivação de sentença. As crianças em fase de aquisição da linguagem sabem, desde muito cedo, que os traços das categorias funcionais são [-interpretáveis] e que uma derivação com traços [-interpretáveis] não converge. Wexler (1998) então indica que uma das demandas da Restrição de Checagem Única deve estar relacionada a uma preservação mínima do significado. Desse modo, o autor coloca que haverá duas representações para a criança: uma com a categoria Concordância (com seu núcleo e especificador) e outra com Tempo (igualmente com seu núcleo e seu especificador). Na gramática do indivíduo em fase de aquisição de linguagem, ou AGR ou T terá os traços [-interpretáveis] checados, gerando a omissão de morfema de uma ou outra categoria na fala da criança. Desde que não haja traço [-interpretável], a derivação AGR [D] [VP DP V...] ou a derivação T [D] [VP DP V...] convergirá. Isto é o que Wexler (1998) denomina Violações Mínimas.

Para o investigador, a Restrição de Checagem Única seria uma propriedade do período OI e explicaria ora a presença de Tempo ora a de Concordância e a presença do sujeito, mesmo com a falha de uma das categorias citadas.

Essa mesma abordagem é trazida para explicar o déficit gramatical do indivíduo com Déficit Específico de Linguagem, sobre o qual passamos a discorrer.

5. A AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM NO DÉFICIT ESPECIFICAMENTE LINGUÍSTICO

O Déficit Especificamente Linguístico (DEL) é a dificuldade de algumas crianças ao adquirir a sua língua materna. As crianças que apresentam esse déficit têm, de um modo geral, dificuldades no início da aquisição da linguagem, apresentando problemas de caráter fonológico, ligados ao léxico e à morfossintaxe, ao longo da vida escolar. E esses problemas podem chegar à fase adulta.

O diagnóstico para a caracterização do DEL é feito por exclusão: a criança não deve ter problemas neurológicos e auditivos, nem deficiência na estrutura oral. Não deve ter distúrbios de comportamento que a levem a ser diagnosticada como autista e deve ter um QI não verbal mínimo igual a 85. Há várias abordagens que sugerem que a categoria DEL, tal como é entendida hoje, é constituída por subtipos do déficit. O DEL Gramatical seria um deles e estaria relacionado à dificuldade de algumas crianças na produção, na compreensão e no julgamento de morfologia flexional. A causa do DEL ainda é objeto de muito estudo, e resultados de pesquisas não são totalmente conclusivos, mas várias abordagens já convergem para evidências de que o DEL é um déficit linguístico derivado de uma herança genética.

Wexler, Schutze e Rice (1998) fazem uma pesquisa com crianças DEL e crianças com desenvolvimento normal de linguagem, a fim de validar as explicações realizadas em Wexler (1998). As análises são bastante similares a Wexler (1998), e os pesquisadores afirmam haver evidências de que tanto a gramática dos indivíduos DEL quanto a de indivíduos normais, ambos em desenvolvimento de linguagem, são regidas pelos mesmos princípios. Entretanto, o que parece ocorrer é que a gramática de uma criança normal durante o processo de desenvolvimento de linguagem seria, em um dado momento, similar à gramática de um indivíduo normal adulto. O mesmo não ocorreria com a criança DEL, a qual teria seu processo de aquisição de linguagem mais lento ou nunca conseguiria apresentar uma gramática similar à de um adulto normal.

É muito interessante a proposta de Wexler (1998) e de Wexler, Schutze e Rice (1998) porque busca explicar o desenvolvimento de linguagem não só em crianças normais como também indivíduos DEL. É importante chamarmos a atenção para o fato de que a proposta ora apresentada parece ainda considerar AGR como um nó na sintaxe. Diferentemente de Chomsky (1995, 1998), que, como mencionamos, não mais consideram Concordância como um nó constituindo um sintagma.

6. METODOLOGIA

Este capítulo consiste de duas seções. Na primeira, apresentaremos a amostra com a qual estamos trabalhando. Na seção seguinte, apresentaremos os testes usados nesta pesquisa.

6.1. A amostra

Para cumprirmos os objetivos desta pesquisa, resolvemos apresentar dois estudos de caso. No que diz respeito ao primeiro, verificamos o processo de aquisição de tempo e aspecto em falas espontâneas produzidas por uma menina. A fala pesquisada correspondia ao período em que a menina tinha de um a três anos de idade.

Em relação ao segundo estudo de caso, apresentamos os resultados obtidos nos testes de eliciação de tempo e de aspecto por parte de um indivíduo considerado DEL (cf. HERMONT, 2005). O desempenho linguístico da criança DEL foi comparado ao desempenho linguístico de duas crianças com desenvolvimento normal de linguagem, que, aqui, chamaremos de crianças controle (também presentes em HERMONT, 2005). O objetivo de termos selecionado crianças sem distúrbio linguístico é promovermos, para fins de análise, uma comparação. As crianças controle foram selecionadas obedecendo-se ao seguinte padrão: uma deveria ter a mesma idade do menino DEL e a outra deveria ter o mesmo MLU (mesmo número de palavras por minuto) que o menino DEL investigado em nossa pesquisa. Além disso, as crianças controle deveriam ser do mesmo sexo e deveriam pertencer à mesma classe sociocultural que o menino DEL.

6.2. Os testes

A fala espontânea é uma forma interessante para procedermos às investigações. Isso porque trabalhamos com dados naturais, em situações não controladas e, por isso mesmo, mais fiéis à realidade. Usamos dados coletados em fala espontânea de uma menina em fase normal de aquisição de linguagem. O período investigado foi de aproximadamente dois anos, quando a criança tinha de um ano e cinco meses a três anos e quatro meses.

Eliciação é um tipo de teste que visa a provocar o surgimento de uma dada expressão linguística. Este tipo de estratégia é usado quando o que se quer examinar ocorre com baixa frequência na fala espontânea (Crain e Thornton, 2000, p. 141). Escolhemos este tipo de estratégia para a elaboração de nossos testes para serem aplicados na criança DEL e controles. Isso porque crianças DEL não falam muito, antes têm muita dificuldade para falar com fluência. Com a técnica da eliciação, poderíamos conseguir um grande número de dados em poucos encontros.

Tínhamos o objetivo de contrastar o tempo presente com o passado, e o aspecto perfectivo e o imperfectivo. Assim, os testes de eliciação de tempo e aspecto foram constituídos da seguinte forma:

- a) Presente, com aspecto progressivo⁸, sob a forma de perífrase⁹;
- b) Presente, com aspecto habitual¹⁰, sob a forma de tempo simples;
- c) Pretérito imperfeito, com aspecto progressivo, sob a forma de perífrase;
- d) Pretérito perfeito, aspecto perfectivo, sob a forma de tempo simples.

8. O aspecto progressivo caracteriza-se por apresentar a situação em pleno desenvolvimento, ou seja, concebida como já tendo passado seus primeiros momentos e ainda não tendo atingido seus últimos momentos. Em outras palavras, a situação é apresentada na fase do meio de seu desenvolvimento. Exemplos são dados na obra: “José lia um romance, quando sua irmã chegou”, “Estamos fazendo um bolo para mamãe”, “O presidente estava falando desde as 5 horas”.

9. Perífrase é entendida aqui como auxiliar e verbo principal, no caso, no gerúndio.

10. O aspecto habitual é o aspecto que apresenta a situação como tendo duração descontínua ilimitada.

7. RESULTADOS

A seguir, apresentaremos os resultados obtidos nesta pesquisa.

7.1. Produção de Tempo e Aspecto na fala espontânea da criança em fase normal de aquisição de linguagem

Analisamos 2044 formas verbais sem apoio na fala da mãe. Isto é, analisamos somente as falas em que os verbos não eram repetições da fala da mãe. A maior parte dos diálogos é entre a criança e a mãe, sendo que, em algumas ocasiões, outra criança (mais velha) também foi incluída e, em raríssimas ocasiões, ocorreu uma pequena participação do pai da criança. Não houve nenhuma tentativa de eliciação por parte da mãe, o que atribui maior fidedignidade aos nossos dados, pois não compromete a espontaneidade das falas.

A criança de nossa pesquisa na idade entre um 1 ano e 5 meses (1:5) e 1 ano e 8 meses (1:8) construiu sentenças utilizando imperativo, infinitivo, presente e pretérito perfeito simples. Quando tinha um 1 ano e 9 meses (1:9), a criança apresentou em sua fala construções mais complexas, uma vez que identificamos sentenças com o verbo auxiliar no presente e o verbo principal no infinitivo ou no gerúndio. Ou seja, nesta ocasião, percebemos a utilização de perífrases verbais. A partir de 3 anos e 4 meses (3:4) foram identificadas outras formas temporais, tais como futuro e pretérito imperfeito. Nesse momento, a criança passou a demonstrar o domínio do pretérito, presente e futuro, bem como o aumento da produção de perífrases verbais e as noções aspectuais de perfectivo e imperfectivo.

A fim de verificarmos um dos objetivos de nossa pesquisa, selecionamos dados verbais com manifestação somente de Aspecto e com manifestação de Tempo e Aspecto. O Quadro 1 mostra alguns exemplos.

Marcações apenas de Aspecto	Marcações de Tempo e Aspecto
Eu queria que <u>cê dormindo comigo</u> .	Pensa que eu to ouvindo.
Zogandu bola.	Eu tôôô iiindo!

Quadro 1: Evidências de dissociação de Tempo e Aspecto.

No quadro apresentado, temos exemplos de verbos em que somente o Aspecto foi marcado e exemplos em que as duas categorias foram marcadas. Nos exemplos obtidos com a criança DEL, conseguimos mais dados para argumentar a favor da dissociação entre Tempo e Aspecto.

No que diz respeito ao agrupamento das categorias de aspecto gramatical, propusemos a divisão em apenas dois grupos. O primeiro grupo diz respeito às noções simples de perfectivo e imperfectivo. O segundo grupo, por outro lado, subdivide o aspecto imperfectivo em imperfectivo com uma forma verbal e imperfectivo progressivo observado em perífrases. Optamos por destacar o aspecto imperfectivo progressivo porque as construções de natureza progressiva só apareceram mais tarde na fala da criança e se devem à utilização de perífrases verbais.

Entre 1 ano e 5 meses (1:5) e um 1 ano e 9 meses (1:9) de idade, a criança apresentou construções apenas nas formas perfectiva e imperfectiva na forma de um só verbo. O aspecto progressivo em perífrases só aparece a partir da idade de 3 anos e 4 meses (3:4).

Sobre o agrupamento das categorias de aspecto lexical, não é cabível nenhuma divisão. Isso porque, desde os primeiros dados, a criança construiu sentenças utilizando diferentes tipos de verbos, o que nos permitiu observar que, desde o início, ela demonstrou competência na produção de verbos de natureza télica e atélica.

Podemos ainda contrastar o aparecimento do aspecto lexical e do aspecto gramatical. A análise de nossos dados possibilitou-nos verificar que as formas perfectivas ocorrem, prioritariamente, com verbos de natureza télica; e as formas imperfectivas, prioritariamente, com verbos de natureza atélica.

7.2. Resultados de testes aplicados na criança DEL

A fim de realizarmos nossa pesquisa, novamente, verificamos os dados eliciados após a aplicação de testes na criança DEL investigada em nossa pesquisa separando as formas em que se vislumbrava somente a categoria tempo, de um lado, somente a categoria aspecto de outro lado e ainda aquelas em que víamos as duas categorias.

Em relação aos testes de eliciação de tempo presente e de aspecto progressivo, obtivemos a seguinte tabela:

Crianças	Forma verbal eliciada: Presente Progressivo	
	Total de respostas esperadas para Tempo	Total de respostas esperadas para Aspecto
DEL	86,6%	68,4%
Controles	100%	96,7%

Tabela 2: Resultados obtidos após a aplicação de testes de eliciação de tempo presente e aspecto progressivo.

Podemos observar nessa tabela que, nas tarefas de eliciação de tempo presente e aspecto progressivo, as crianças sem problemas de linguagem deram respostas de acordo com o esperado 100% das vezes em relação a tempo e 96,7% das vezes em relação a aspecto. Já para o menino DEL selecionado para esta pesquisa, no que diz respeito ao desempenho na produção de tempo eliciado, verificamos um resultado próximo ao esperado, ainda que menor que o desempenho na produção de tempo eliciado por parte das crianças controle. Mas, em relação aos resultados relativos à produção do aspecto progressivo esperado, constatamos que a criança DEL selecionada para nossa pesquisa apresentou um resultado bem abaixo daquele encontrado para as crianças sem problemas de linguagem.

Na Tabela 3, apresentamos os resultados relativos aos testes que visavam a eliciar o pretérito imperfeito/aspecto progressivo.

Crianças	Forma verbal eliciada: Pretérito Imperfeito Progressivo	
	Total de respostas esperadas para Tempo	Total de respostas esperadas para Aspecto
DEL	53,3%	91,7%
Controles	98,75%	96,25%

Tabela 3: Resultados obtidos após a aplicação de testes de eliciação de tempo pretérito imperfeito e aspecto progressivo.

Podemos observar nessa tabela que, nas tarefas de eliciação de tempo pretérito imperfeito e aspecto progressivo, as crianças sem problemas de linguagem deram respostas de acordo com o esperado 98,75% das vezes em relação a tempo e 96,25% das vezes em relação a aspecto. Já para o menino DEL selecionado para esta pesquisa, no que diz respeito ao desempenho na produção de aspecto eliciado, verificamos um resultado próximo ao esperado, ainda que pouco menor que o desempenho das crianças controle na produção de aspecto eliciado. Mas, em relação aos resultados relativos à produção do tempo pretérito imperfeito esperado, constatamos que a criança DEL de nossa pesquisa apresentou um resultado bem abaixo daquele encontrado para as crianças sem problemas de linguagem.

Observamos que, no que diz respeito ao comportamento linguístico da criança DEL investigada nesta pesquisa, ora ela produz mais respostas com o tempo eliciado e produz, nas mesmas situações, menos aspecto verbal eliciado e ora o quadro inverte-se: ou seja, a criança DEL produz mais respostas com o aspecto verbal eliciado e produz, nessas mesmas situações, menos tempo verbal eliciado.

Passemos aos resultados apresentados pelas crianças em tarefas de eliciação de tempo verbal no tempo pretérito perfeito/ aspecto perfectivo:

Crianças	Forma verbal eliciada: Pretérito Perfeito	
	Total de respostas esperadas para Tempo	Total de respostas esperadas para Aspecto
DEL	91,7%	91,7%
Controles	100%	100%

Tabela 4: Resultados obtidos após a aplicação de testes de eliciação de tempo pretérito perfeito e aspecto perfectivo.

Podemos observar nessa tabela que, nas tarefas de eliciação de tempo pretérito perfeito e aspecto perfectivo, as crianças sem problemas de linguagem deram respostas de acordo com o esperado 100% das vezes tanto em relação a tempo quanto em relação a aspecto. O menino DEL selecionado para esta pesquisa também obteve um resultado bastante próximo ao esperado.

Por fim, apresentaremos os resultados dos testes de eliciação de tempo presente/ aspecto habitual feitos pela criança DEL e crianças controle:

Crianças	Forma verbal eliciada: Presente habitual	
	Total de respostas esperadas para Tempo	Total de respostas esperadas para Aspecto
DEL	93,3%	76,6%
Controles	100%	100%

Tabela 5: Resultados obtidos após a aplicação de testes de eliciação de tempo presente e aspecto habitual.

Podemos observar nessa tabela que, nas tarefas de eliciação de tempo presente e aspecto habitual, as crianças sem problemas de linguagem deram respostas de acordo com o esperado 100% das vezes tanto em relação a tempo quanto em relação a aspecto. Já para o menino DEL selecionado para

esta pesquisa, no que diz respeito ao desempenho na produção de tempo eliciado, verificamos um resultado próximo ao esperado. Em relação aos resultados relativos à produção do aspecto habitual esperado, constatamos que a criança DEL de nossa pesquisa apresentou um resultado um pouco menor do que aquele encontrado para as crianças sem problemas de linguagem.

8. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Estabelecendo um paralelo entre a proposta de Wexler (1998) e de Wexler, Schutz e Rice (1998) e os nossos resultados, verificamos uma semelhança. O sistema de flexão proposto por Wexler, Schutz e Rice (1998) é constituído por Tempo e Concordância. Apesar de Concordância não ser mais considerada uma projeção dentro da arquitetura de linguagem do modelo minimalista atual, logo não mais um nó na anotação da estrutura sintática em forma de estrutura arbórea, Wexler, Schutz e Rice (1998), de certa forma, sustentam sua argumentação com base em uma literatura clássica que adota tal proposta e nos dados de suas pesquisas, que nos apontam para uma dissociação clara entre as duas categorias funcionais que constituem o sistema flexional em seu quadro teórico.

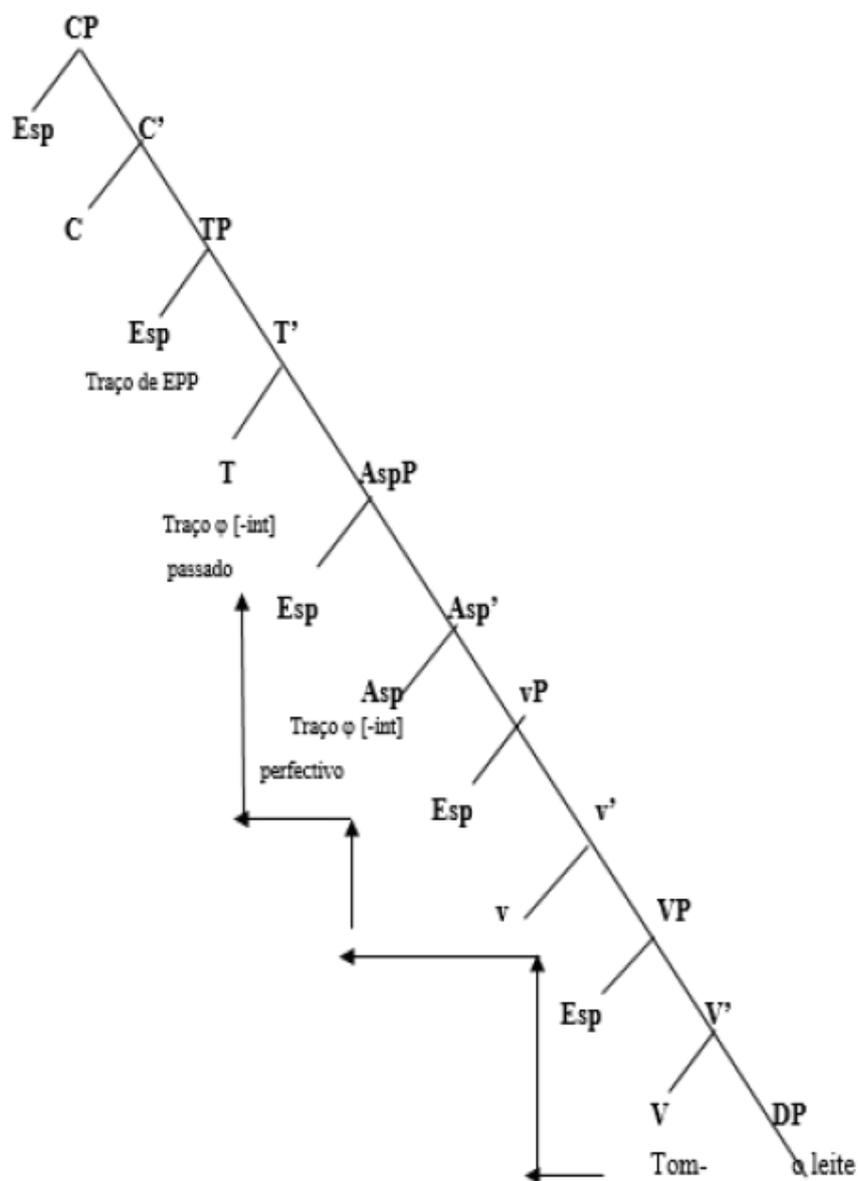
Observando nossos dados, verificamos que as formas verbais produzidas pela criança em fase de aquisição de linguagem sem problemas nesse processo e pela criança DEL apresentaram, às vezes, morfemas de tempo e de aspecto verbal. Mas, em outras ocasiões, apresentaram, em seu *output* linguístico, formas verbais com somente morfema de tempo. Em outras situações, ainda, apresentaram formas verbais com somente morfema de aspecto verbal.

Se ora as crianças produzem Tempo na forma esperada e Aspecto na forma não esperada e ora fazem o oposto, temos resultados que nos sugerem que aquilo que é considerado por Chomsky (1998, p. 15) como uma projeção única, em que “T(empo) é uma categoria funcional, expressando tempo e estrutura de evento”, provavelmente deve ser representado na gramática como duas projeções dissociadas. Ou seja, a camada flexional parece ser dividida em pelo menos duas projeções: a de Tempo e a de Aspecto.

A representação da sentença na gramática, considerando a projeção aspectual, se daria na anotação em forma de árvore da seguinte maneira. Para uma sentença como (8),

(8) O menino tomou o leite

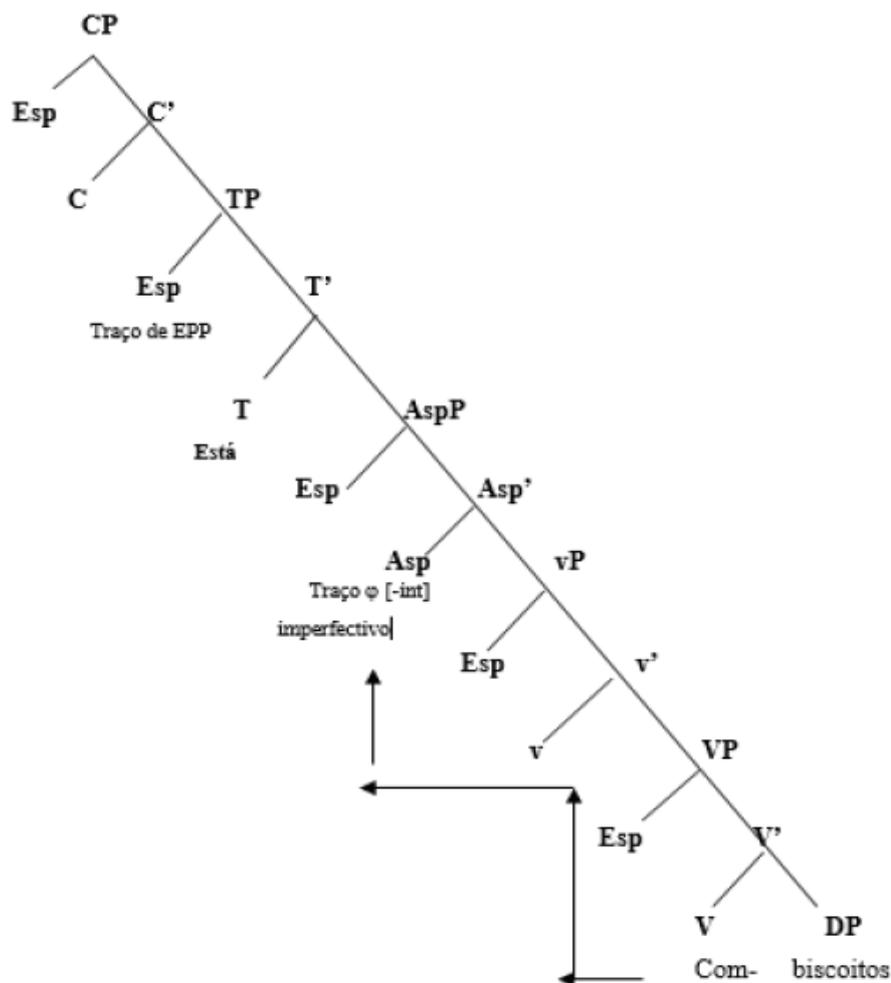
teríamos o verbo *tomando* no núcleo de SV, que subiria para o núcleo de SAsp(ecto) (*AspP*) para ter seus traços de aspecto perfectivo valorados e, em seguida, subiria para o núcleo de ST(empo) (*TP*), para ter seus traços de tempo passado e de concordância valorados. Mostramos o exemplo (8) na árvore a seguir.



Para a derivação de uma sentença com perífrase, como (9),

(9) O menino está comendo biscoitos

teríamos o verbo principal *comer* gerado no núcleo de SV, subindo para o núcleo de SAsp(ecto) para ter seus traços de imperfectividade valorados, e o verbo auxiliar já nasceria no núcleo do ST(empo), com traços de Tempo e de Concordância valorados. Veja a estrutura arbórea de (7).



Parece que na gramática da criança em fase normal de aquisição de linguagem e na gramática do indivíduo DEL há algo que as impede de produzir Tempo e Aspecto em uma mesma forma verbal, conforme ocorre na gramática da pessoa adulta sem problemas de linguagem. Vimos que, nos dados de fala espontânea da criança em fase de aquisição normal de linguagem e nos resultados de testes aplicados na criança DEL, quando o que se quer é perífrase (formada por um auxiliar + gerúndio), essa constatação pode ser feita com mais clareza. Tal resultado nos sugere, portanto, que há uma restrição no momento da checagem (Wexler, 1998). Se considerarmos aspecto verbal como uma projeção, cujo núcleo é ASP e cujo especificador é dotado de traços de EPP, tal como proposto para T, podemos indicar que a Restrição de Checagem Única parece ser uma propriedade que atua em vários níveis da gramática da criança em processo normal de aquisição da linguagem e na aquisição de linguagem por parte da criança DEL.

Ao adotarmos a proposta de Restrição de Checagem Única feita por Wexler (1998), para explicar os dados relativos a Tempo e a Aspecto presentes ou ausentes na fala das crianças pesquisadas, incluímos nas nossas argumentações a possibilidade de tais crianças terem as seguintes representações a serem escolhidas para valoração de traços:

(10) Asp [D] [VP DP V...] ou T [D] [VP DP V...]

Ou seja, ora haveria valoração dos traços de aspecto e não valoração dos traços de tempo e ora ocorreria o oposto. Desta forma, não haveria uma derivação que fracassaria, pois a criança DEL deve escolher entre uma ou outra representação. Sua gramática seria regida por uma propriedade de Restrição de Checagem Única e não implicaria nenhuma violação da gramática universal.

Consideramos ainda importante explicar por que a criança DEL produziu, com o Tempo e Aspecto eliciados, as formas verbais simples em quase 100% de seus enunciados, apesar de não produzir uma das categorias – ou Tempo ou Aspecto – quando se eliciava uma perífrase.

Parece-nos que, a despeito do alto número de respostas dadas pela criança DEL estudada, nos dois testes de eliciação de tempo passado/aspecto perfectivo e tempo presente/aspecto habitual, na gramática da criança DEL, ora deve haver omissão de Aspecto ora deve haver omissão de Tempo.

Isso provavelmente acontece porque o morfema de tempo passado/aspecto perfectivo acumula tanto traço de Tempo quanto traço de Aspecto. O mesmo ocorre com o morfema de tempo presente/aspecto habitual. A fim de dar mais embasamento para essa proposta, recorremos a Câmara Júnior (1970), que nos mostra o sistema flexional do PB, aqui trazido somente para as terceiras pessoas (singular e plural). Para exemplificar, usamos o verbo *cantar*. Apresentamos o radical, a vogal temática (VT), o morfema de tempo (que acumula outras noções, tais como Modo e Aspecto) e o morfema de Concordância (que acumula noções de número e pessoa – NP/SN). Resolvemos organizar em forma de quadro essas ideias.

Pretérito Perfeito			
Radical	VT	Modo Tempo Aspecto	NP
3 sg. Cant-	-o-	- Ø -	- u
3 pl. Cant -	-a-	- ra -	- m

Quadro 2: Sistema flexional para tempo pretérito perfeito / aspecto perfectivo do português, segundo Câmara Jr. (1970).

Presente Habitual			
Radical	VT	Modo Tempo Aspecto	NP
3 sg. Cant-	-a-	- Ø -	-Ø
3 pl. Cant -	-a-	- Ø -	-m

Quadro 3: Sistema flexional para tempo presente / aspecto habitual do português, segundo Câmara Jr. (1970).

Para Câmara Júnior (1970), o morfema de tempo acumularia a noção de modo (se indicativo, subjuntivo ou imperativo), mas também acumularia, junto ao tempo pretérito, a noção de aspecto conclusivo e, junto ao tempo presente, a noção de aspecto inconclusivo do processo verbal referido. Desta forma, entendemos que os morfemas de tempo pretérito perfeito acumulam noções de aspecto perfectivo.

Paralelamente, os morfemas de tempo presente acumulam, no caso tratado agora, noções de aspecto habitual. Portanto, não é fácil, nos casos em que se elicia pretérito perfeito/ aspecto perfectivo, por um lado, e presente/ aspecto habitual, por outro lado, verificarmos a dissociação das duas categorias – Tempo e Aspecto – a partir da fala da criança DEL e mesmo da criança em fase normal de aquisição de linguagem. Estamos, assim, propondo uma gramática que ora permite a produção de Tempo, ora permite a produção de Aspecto.

Mas, como nos casos em que se elicia presente/aspecto progressivo e pretérito imperfeito/aspecto progressivo, percebemos a omissão de Tempo ou de Aspecto, entendemos que na produção de pretérito perfeito/aspecto perfectivo e presente/aspecto habitual deve haver omissão de Tempo ou de Aspecto. Entretanto, não se pode dizer qual a categoria que está sendo omitida, se Tempo ou Aspecto. Isso porque se o morfema de tempo passado/ aspecto perfectivo acumula tanto traço de tempo passado quanto traço de aspecto perfectivo, e se o morfema de tempo presente/ aspecto habitual acumula tanto traço de tempo presente quanto de aspecto habitual, não sabemos qual traço foi de fato valorado e qual traço não foi valorado na gramática da criança DEL.

Por fim, nos detendo no terceiro objetivo deste trabalho que é o de verificar a relação entre aspecto lexical e aspecto gramatical, podemos concluir, após a análise dos dados linguísticos da criança em fase normal de aquisição de linguagem, que telicidade (uma ação que tem um limite temporal bem definido) influencia o surgimento de perfectivo (um processo completo, terminado no momento da enunciação); e atelicidade (uma situação que não tem um limite temporal bem definido) influencia o surgimento de imperfectivo (um processo em realização inacabado). Tal resultado nos acena para a possibilidade de o sistema computacional, ao receber os itens do léxico, ser sensível a todo predicado ou a todo sintagma verbal. Ou seja, o sistema computacional parece não interpretar o verbo unicamente, porém toda a estrutura argumental.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo principal entender como as categorias funcionais Tempo e Aspecto estão representadas nas gramáticas de crianças em fase normal de aquisição de linguagem e de indivíduos diagnosticados como DEL, contribuindo então para a discussão a respeito da representação de tais categorias na gramática de indivíduos adultos sem problemas de linguagem. Além disso, nossa pesquisa teve o objetivo de mostrar a dissociação entre tempo e aspecto e também de descrever em que medida as noções aspectuais de (a)telicidade influenciam ou não no surgimento das marcações gramaticais perfectivas e imperfectivas.

Para cumprirmos o objetivo estabelecido neste artigo, apoiamos-nos no quadro teórico da linguística gerativa. Realizamos dois estudos de caso: um longitudinal, baseado em dois anos de fala espontânea de uma criança em fase normal de aquisição de linguagem; um outro concernente à produção linguística em testes de eliciação de formas verbais por indivíduo diagnosticado como DEL.

Verificamos, nos resultados obtidos, formas verbais com representação de Tempo ou de Aspecto ou de Tempo e Aspecto. Diante desses resultados, propusemos a dissociação da camada flexional Tempo em Tempo e Aspecto. Além disso, verificamos um paralelismo entre nossos resultados e as propostas feitas por Wexler, Schutze e Rice (1998), que analisam a fala de crianças DEL, e por Wexler (1998), que analisa a fala de crianças em fase normal de aquisição de linguagem. Para Wexler, Schutze e Rice (1998), as crianças ora omitem de sua fala o tempo verbal, ora a concordância verbal e, para Wexler (1998), tal desempenho linguístico se deve a uma propriedade de Restrição de Checagem Única que atuaria na gramática da criança no período de aquisição de linguagem. Ou seja, haveria algo, na gramática da criança, que a impediria de checar os traços em Tempo e em Concordância. Sua gramática permitiria a escolha de apenas uma representação para checagem de traços: a de Tempo ou a de Concordância.

Da mesma forma como Wexler (1998) analisou seus dados percebendo que havia uma restrição para a ocorrência simultânea de morfemas relativos a Tempo e Concordância, verificamos que há uma restrição para que haja ocorrência simultânea de morfemas de Tempo e de Aspecto na fala da criança DEL e, às vezes, na fala da criança em período normal de aquisição de linguagem. Ou seja, neste trabalho, pudemos notar que a alternância Tempo e Aspecto acontece, durante o processo de desenvolvimento de linguagem, na gramática da criança em fase normal de aquisição de linguagem e na gramática do DEL. Portanto, sugerimos que a propriedade de Restrição de Checagem Única se estenda à relação de categorias funcionais: tempo verbal e aspecto verbal.

Por fim, verificamos que verbos télicos tendem a surgir mais na forma perfectiva; e verbos atélicos, mais na forma imperfectiva. Por isso, sugerimos que o sistema computacional deve ser sensível aos traços semânticos de (a)telicidade.

REFERÊNCIAS

Chomsky, N. (2001). *Beyond explanatory adequacy*. Ms., MIT, 2001.

_____. (1999). *Derivation by phase*. MIT Occasional papers in Linguistics, n.18 (also published in M. Kenstowicz (ed.) (2001) *Ken Hale: a life in language*, MIT Press, Cambridge, Massachusetts, p. 1-52)

_____. (1998). *Minimalism inquiries: the framework*. Ms.

_____. (1995). *The minimalist program*. Cambridge: MIT Press.

_____. (198.6). *Knowledge of language: its nature, origin, and use*. Cambridge: MIT Press.

_____. (1981). *Lectures on government and binding*. Dordrecht: Foris Publications.

_____. (1972). *Language and mind*. New York: Harcourt Brace Jovanovich.

_____. (1965). *Aspects of theory of syntax*. Cambridge: MIT Press.

Comrie, B. (1976). *Aspect*. Cambridge: Cambridge University Press.

Crain, S.; Thornton, R. (2000) *Investigations in universal grammar: a guide to experiments on the acquisition of syntax and semantics*. Cambridge: MIT Press.

Emonds, J. (1976). *A transformation approach to syntax*. New York: Academic Press.

Hermont, A. B. (2005) *Aquisição de tempo e aspecto no déficit especificamente linguístico*. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 284 f.

Câmara Jr., J. (1970). *Estruturas da Língua Portuguesa*. 21. ed. Petrópolis: Vozes.

Pollock, J-Y. (1989). Verb movement, universal grammar, and the structure of IP. *Linguistic Inquiry*, 20(3):365-425.

Travaglia, L. C. (2006). *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão*. Uberlândia: Gráfica da UFU.

Wexler, K. (1998). Very early parameter setting and the unique checking constraint: a new explanation of the optional infinitive stage. *Lingua*, 106:23-79.

Wexler, K.; Schutze, C.; Rice, M. (1998). Subject case in children with SLI and unaffected controls: evidence for AGR/TNS omission model. *Language Acquisition*, 7(2-4): 317-344.